



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“FORMAR UMA RAÇA FORTE, CAPAZ E DIGNA DA NOSSA ESTREMECIDA PATRIA”: A SAÚDE DO CORPO INFANTIL VEICULADA NA *REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA* (1932-1934)¹

Autor (1) Meryglauca Silva Azevedo Lucena

(¹Universidade Federal da Paraíba – meryglaucaazevedo@gmail.com)

RESUMO

O presente estudo se insere no campo da História da Educação, mais especificamente, nas pesquisas sobre a imprensa educacional, sendo o objetivo analisar as matérias voltadas à modelagem e controle sobre o corpo social, com recorte para a população infantil, veiculadas na *Revista do Ensino*, no período entre 1932 e 1934. Com a chegada do Regime Político Republicano, o país vivenciou a ampliação significativa de um efervescente processo que já estava presente em finais do século XIX, envolvendo estratégias sobre o corpo, sob os fundamentos do discurso higienista legitimado pelas ciências então em voga, como a Medicina, a Psicologia e a Pedagogia, como parte de um projeto maior de construção de uma nação genuinamente brasileira. Esses discursos foram produzidos e circularam na Paraíba sobretudo através do órgão oficial do Estado, a *Revista do Ensino*, impresso que circulou no Estado durante os anos de 1932 a 1942. A *Revista* é um documento importante para a historiografia paraibana, possibilitando a compreensão da concepção de Estado e sociedade, bem como as tramas do poder-saber no âmbito educacional. Para as análises das matérias publicizadas na *Revista* recorreremos aos estudos de Michel Foucault, utilizando algumas ferramentas pensadas pelo filósofo francês, tais quais: “dispositivos de poder”, “tecnologias de poder”, “biopoder” e a “biopolítica”. O autor Roger Chartier, cujos conceitos nos possibilitaram pensar a *Revista do Ensino* em sua materialidade. As análises realizadas sinalizam para uma compreensão de que os discursos presentes na *Revista* contribuiriam para legitimar, disciplinarizar e normatizar os corpos e mentes das crianças.

Palavras-chave: Discursos sobre a Infância. Higiene. Revista do Ensino.

INTRODUÇÃO

¹ Este trabalho foi orientado pela Professora PhD. Maria do Socorro Nóbrega Queiroga. Docente da Universidade Federal da Paraíba, do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós- graduação em Educação.



Formar uma raça forte, capaz e digna da nossa estremecida Patria, deve ser o grande e vehemente anseio daquelles que têm a responsabilidade dos destinos da nacionalidade. Não pudemos vencer num país tão vasto e de uma natureza impetuosa e rigida, com homens decadentes, arrumados por todas as enfermidades que pódem imaginar – syphilis, impaludismo, verminoses, etc., etc., - com o gráo de instrucção e de educação do nosso povo (REVISTA DO ENSINO, ANO 1, N° 1, 1932, p. 39)².

Com esse discurso, aqui apresentado em fragmentos, o Professor Joaquim Santiago escreve um artigo que compôs o número inaugural da *Revista do Ensino*, no qual mostra a importância da higiene escolar. O Professor Joaquim Santiago publicou um veemente discurso sobre o cuidado e controle dos corpos infantis, do corpo dos pais e dos professores, bem como, da população que sofria com o analfabetismo, instituindo a escola como um espaço por excelência para higienização dos corpos e das mentes. E para alcançar tais anseios era preciso

Ministrar noções de hygiene aos nossos meninos o fim de vel-os sãos e cheios de um vigor sadio, minorar o soffrimento da nossa gente; dar conforto e bem estar aos que se acham anquilosados e nada produzindo para o engrandecimento da nação, constitue obra de patriotismo e de amôr ao proximo. Nas escolas primarias do nosso Estado vamos propagando pelo livrinho didactico e bem feito do notável hygienista patricio dr. Renato Kehl, noções e conhecimentos aos nossos alumnos das moléstias e dos meios capazes e efficazes de combate-las e evitar a sua propagação. Mestres e paes, não consintaes na ignorancia de noções de hygiene aos vossos alumnos e filhos, pois, assim fazendo, estaes concorrendo para infelicidade physica e moral do nosso povo (REVISTA DO ENSINO, ANO I, N° 1, 1932, p. 39-40).

Era, pois preciso-investir na infância como forma de exercer práticas de controle, de civismo e moralismo, e aos poucos a educação higienista vai se insinuando por entre as frestas dos espaços que se querem ver reconhecidos e vividos como modernos, e um deles é o espaço privilegiado da escola.

Na Paraíba, o contexto escolar estava investido com as ideias do Dr. Renato Kehl, que é considerado um dos principais divulgadores do conceito eugênico no Brasil, entre as décadas de 1910 e 1930 e que defendia um processo de higienização nos espaços urbanos, ação que ocasionaria a limpeza da raça no país. Como autor de uma obra livro que veio a se tornar um ícone e um referencial para as práticas de higiene no

² Foram mantidas a grafia e a pontuação originais do documento.



Brasil, seu livro intitulado *A fada Hygia*, adotado pelo Estado da Paraíba e que discute em linguagem simples, padrões que segundo o autor facilitariam formar as crianças conforme os ideais higiênicos. -

Temos a produção de um discurso que se espalha por toda malha social, tendo em vista que os pais e professores são convocados a aprender e a educar as crianças, adoutrinar seus corpos. Assim vai se iniciando a constituição do discurso sobre a Higiene no espaço escolar pelo canal oficial de divulgação de “assumptos de ordem technica e profissional”³ do Estado da Paraíba: a *Revista do Ensino*, criada pelo Decreto nº 287 de 18 de maio de 1932, promulgado pelo Interventor Federal Interino no Estado da Paraíba, Gratuliano da Costa Brito.

Produzida pela imprensa oficial e editada pela Diretoria do Ensino Primário, teve como idealizador e primeiro editor o professor José Baptista de Mello, educador que criou práticas significativas e exerceu cargos no âmbito educacional paraibano, atuando nas reformas educacionais e na circulação das ideias do movimento escolanovista.

O periódico foi pensado para que “os nossos professores [pudessem] acompanhar a marcha evolutiva do ensino, pela divulgação dos trabalhos sobre os novos methods e processos pedagogicos” (REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº 1, 1932, p. 3). Conforme o Decreto supracitado, a assinatura do periódico seria obrigatória a todo professorado do ensino público do Estado paraibano, como pode ser observado no artigo 3º: “Será obrigatorio para todos os fuccionarios do magisterio primario e normal a assignatura da Revista do Ensino mediante a contribuição de seis mil réis (6\$000) annual, paga em prestação semetraes de três mil réis (3\$000)” (REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº 2, 1932, p. 61-62).

Com publicação trimestral⁴, o periódico veiculou em suas páginas matérias que tratavam de métodos e processos educacionais, diretrizes pedagógicas, fotos do cotidiano escolar, informavam sobre instalações de prédios escolares, atos oficiais do Estado, Decretos, Leis etc.

Diante da expressividade do impresso educacional e no exercício de pensar e/ou compreender as matérias produzidas e veiculadas na *Revista do Ensino* da Paraíba, como parte de uma projeto modelar de governamentalidade dos corpos da população

³ REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº 2, 1932.

⁴ Mesmo informando aos seus leitores que a *Revista* tinha tiragem trimestral, na verdade isso não ocorria, pois “não obedecia a essa periodicidade” (ARAÚJO, 1984, p. 32).



infantil buscamos realizar um trabalho de análise das temáticas que formatavam modelos de intervenção no interior das práticas, fazendo um recorte dos textos com conteúdos higienistas, considerando os artigos publicados no período de 1932 a 1934, totalizando 11 números.

Para análise documental usamos a perspectiva do campo historiográfico da Nova História Cultural, o qual possibilitou fazer uma leitura da *Revista do Ensino* como artefato cultural representativo de um tempo, ou seja, entender o periódico educacional localizado em um momento histórico e espaço geográfico singulares. Também, buscamos interrogar a vontade de verdade legitimada no jogo e nas negociações das relações de poder-saber em disputa pelos projetos de República e que, segundo nossa percepção guardam algumas diferenças em nível nacional em relação aos discursos veiculados no periódico paraibano.

Analisamos a fabricação, circulação e legitimação do discurso higienista, o qual forjou sentidos sobre a infância, tendo o intuito de constituir uma nação de sentimento cívico nacional. Nesse sentido, a analítica pensadas por Michel Foucault, sobretudo os conceitos de “dispositivo de poder”, “tecnologias de poder”, “biopoder” e a “biopolítica” foram considerados para se compreender os enunciados que circularam nas páginas da *Revista do Ensino*.

Uma breve contextualização do higienismo no Brasil: a governamentalidade da infância

Em um momento de definição quanto a um novo ordenamento social no período da Primeira República, ou seja, nas três primeiras décadas do século XX, prepondera no país o discurso de construção de uma nação verdadeiramente brasileira, e, para isso, seria preciso criar um “novo homem”, o que implicou um outro olhar para com as infâncias, sobretudo as crianças pobres, vistas como potencialmente perigosas e/ou necessitadas de correção. Na verdade, podemos iniciar a discussão situando-a já em meados do século XIX, tendo em vista que, neste período as ideias higienistas estavam ganhando força e sendo difundidas pelo país.

Esse cenário confluiu para se pensar a modernidade republicana almejada, e a educação passa a ter uma maior visibilidade e importância, pois exerce um papel importante no processo de formação, em outras palavras, tem o papel de normatizar e



regular a população. Ou seja, o interesse em investir na educação não era apenas administrativo, mais do que isso, o objetivo era de constituir uma educação que garantisse a formação moral e cívica para o desenvolvimento social.

Portanto, o projeto republicano, herdeiro do iluminismo, depositou sua crença na ciência, na cultura e na educação, esta última caracterizada como salvadora da nação, levaria o Brasil a se igualar aos países mais desenvolvidos. Nesta perspectiva, o discurso higienista, médico-sanitarista passou a fundamentar, justificar e legitimar o desenvolvimento de práticas educativas voltadas para infância, exercendo um movimento educacional a favor da higienização dos corpos e das mentes, como poder ser visto em fragmento da *Revista do Ensino*:

A hygiene social occupa um lugar, o mais consideravel na vida das nações civilizadas. Com razão se diz que o grão de sua civilização pode ser medido pela perfeição de sua organização hygienica melhor, que pela intensidade de sua produção industrial ou por transitio comercial. O papel de hygiene social é proteger o individuo nas colectividades e defendel-o dos perigos da molestia que o ameaça (...) As precauções a serem tomadas para assegurar ao escolar as melhores condições ao seu desenvolvimento physico, intelectual e moral são do dominio de hygiene escolar (Dr. J. de Seixas Maia - REVISTA DO ENSINO, ANO III, Nº 11, p. 11)

No processo de formar uma nação, as crianças eram compreendidas como sinal do futuro, desta forma, para mudar o comportamento da população era preciso, desde cedo, cuidar e controlar o corpo das crianças, pela doutrinação de seus corpos em corpos saudáveis, livres de doenças e civilmente moldados, e a escolarização potencializada pela higiene elevaria o Brasil para um nação civilizada. É assim que aos poucos e em ritmos diferenciados para cada espaço-tempo que a escola passou a incorporar em seu cotidiano métodos científicos, racionalizando as relações entre escola-professor-aluno-família, bem como os espaços e tempos no seu interior.

Os discursos de médicos, educadores, políticos, etc. foram, pois essenciais para a legitimação das verdades e dos saberes sobre a infância, como também, sobre a educação. A escola, constituída como espaço por excelência para educar a criança, tem implantadas as disciplinas de higiene e de ginástica, a criação da inspetoria sanitária, dentre outras tecnologias de governo da população, sob a égide do higienismo, as quais foram funcionais como garantias para a implantação de novas práticas sociais voltadas a sanar o que existia de anormal e a corrigir nas infâncias (FOUCAULT, 2002).

Foucault em seus estudos (1997; 2002) trata dessas questões do poder sobre a vida como “biopolítica”, “que tende a tratar a população como um conjunto de seres



vivos e coexistentes, que apresentam traços biológicos e patológicos particulares” (FOUCAULT, 1997, p. 86). Deste modo, pela “biopolítica” “se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidades, raça” (FOUCAULT, 1997 p. 89).

Além dos saberes higienistas possibilitarem o controle da população, também se constituíram em estigmas, marcando as diferenças sociais, como já mencionado, e ao acirramento do discurso eugênico, em defesa do melhoramento da raça brasileira, saudável, sem corpos doentes. A Paraíba não se mostrou indiferente a esse discurso hegemônico, e utilizando de diferentes dispositivos e estratégias, passa a incorporar as ideias higienista, médico-sanitarista e eugênica no âmbito escolar, tais quais:

O Decreto de n. 360, que reforma e instrução Publica do Estado e a Lei n.270, que organiza o serviço de Hygiene Publica do Estado, ambos de 1907; a Lei n. 339, de 1910 cria a cadeira de Hygiene, cujo Art. 2º normatiza que o “ensino desta disciplina deverá ser mais pratico do que theorico”; o Decreto n. 494, de 1911, que organiza a repartição de Higiene Pública do Estado; Decreto nº 531, de 1912, abre o credito as despesas do pagamento dos vencimentos do lente da hygiene da Escola Normal; em 1912, o decreto nº.533, regula a cadeira de Higiene da Escola Normal a partir do desmembramento da cadeira de História Natural, devendo funcionar na Escola Normal no quarto ano; Decreto n. 740, de 1915, que aprova o projeto dos esgotos e melhoramentos da cidade da Parahyba do Norte; e o Decreto n. 874, de 1917, que regulamento o Serviço de Hygiene (QUEIROGA, 2015, p.8).

Como pode ser observado foram dispositivos criados em anos que antecedem a criação da *Revista do Ensino*, e que contribuíram para disseminação das ideias na Paraíba que abraça algumas práticas que estavam sendo produzidos no Brasil.

Nesta perspectiva, a *Revista do Ensino*, como fonte do estudo em pauta e órgão oficial do Estado, e sendo um artefato cultural representativo de um tempo, criou, produziu e reproduziu as tramas sociais paraibanas, nos possibilitando compreender como estava sendo veiculado o projeto de modelar e controlar o corpo da população infantil de 1932 a 1934, a partir da educação escolar.

Saúde do corpo infantil na *Revista do Ensino* da Paraíba (1932-1934)

Sob a direção do dr. Severino Patricio, medico escolar, e cumprindo um dispositivo do regulamento, vou iniciar as palestras sobre hygiene,



com as quaes, nós, as professorandas, temos o fito de incutir no espirito das creanças, noções e preceitos para obter o que constitue a base da felicidade – a saúde – da qual o **asseio** é um factor importantissimo. Um menino que não lava as mãos antes das refeições, não tem cuidado com o seu vestuario, não limpa convenientemente a sua bôca, passa nos olhos as mãos sujas, por tocarem em objectos também sujos e cheios de poeira, torna-se por si proprio, um elemento de destruição de sua saúde (REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº 1, 1932, grifo do original, p. 53)

“*Asseio: Prophylaxia do Sarampo*”. Esse foi o tema proferido em palestra no Grupo Modelo, pela professora Beatriz Ribeiro, sob a direção do Inspetor Médico Escolar Dr. Severino Patrício. A palestra foi publicada no primeiro número da *Revista do Ensino*, e inicia mostrando a importância das professoras terem conhecimentos sobre a higiene. Para nós, esse discurso é um indício que pode caracterizar o desejo de formar o professor para que seja mediador na educação da saúde do corpo da infância paraibana, pois cabe lembrar que a *Revista do Ensino* era de assinatura obrigatória a todo professorado público do Estado da Paraíba. Temos assim, a construção de verdades para lidar com a infância a ser cuidada, no âmbito escolar, na família e na sociedade como um todo.

Na tentativa de formar corpos hígidos a professora Beatriz Ribeiro continua a palestra mostrando a dicotomia entre corpos sujos e limpos, defendendo que o corpo limpo supostamente teria uma maior atenção social:

si vierem aqui à Escola, em visita, dois meninos, um, embora vestido modestamente, demonstra pelo seu asseio, pelo seu traje bem limpo que tem noção dos deveres de hygiene, o outro, mostra o contrario pelo seu desalinho, suas mãos e unhas sujas, etc. Vocês, mesmo sem querer, prestarão maior atenção e ligarão maior importancia ao que a primeira creança disser: é porque ao falarmos com uma pessoa asseida physicamente ella nos dá a impressão de que também o é moralmente, isto é, tem o character como o physico: puro e limpo (REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº 1, 1932, p. 53-54).

Ao abordar a temática do Sarampo, percebe-se, na citação acima, o controle sobre o corpo associado à necessidade de *pureza e limpeza*, de argumentos de forte teor eugênico, no sentido de criar uma raça saudável, um povo forte, uma identidade nacional, enfim uma raça elevada. Deixemos então que a professora Beatriz Ribeiro conclua sua palestra:

vou dizer-lhes uma cousa que talvez ainda não sabiam: para muitas pessoas, nós, os brasileiros, não somos mais que um povo inclinado á indolência, á preguiça, ao desanimo, etc. Cumpre á criançada das



escolas encarregar-se de provar o contrario. E como? perguntarão. Mostrando que o brasileiro, principalmente o rustico ou camponio, si é preguiçoso, indolente, é porque está impaludado, opilado, tuberculoso, cheio de doenças nervosas, etc. e como a doença tira a capacidade para o trabalho, elle não tem força, e assim cruza os braços nessa atonia assustadora e que é uma ameaça ao progresso do Brasil. Diz um adagio popular: tirada a causa, cessa o effeito; e eu digo: logo que comece nas escolas uma campanha hygienica em pról da reerguição do povo brasileiro e com o auxilio dos jovens brasileirinhos, veremos surgir um povo forte, poderoso, querido e respeitado entre as nações e que poderá exclamar orgulhosamente: no meu Brasil não há preguiça, porque não ha doença – não ha doença porque se respeita e pratica a hygiene (REVISTA DO ENSINO, ANO I, N° 1, 1932, p. 54-55)

Com um discurso que busca mostrar as mudanças necessárias ao povo brasileiro, na busca do “novo homem” e de “uma nova concepção de nação brasileira”, a professora Beatriz Ribeiro encerra a sua palestra no Grupo Modelo depositando as esperanças no corpo infantil através do processo de escolarização.

Dando continuidade à reflexão acerca das práticas de homogeneização da formação docente, “cumprindo[assim] um dispositivo do nosso programma de professorandas, e em obediencia ao dr. Severino Patricio, digno medico escolar”⁵, Maria de Lourdes de Almeida e Albuquerque fala aos professores sobre Verminoses, “afim de todos comprehenderem as vantagens dos serviços que a Comissão Saniatria está prestando e prestará a todos os parahybanos”⁶. No exercício de tornar o corpo da criança saudável, atua-se na formação do professor, no controle sanitário escolar. É preciso formar corpos hígidos *para maior riqueza econômica do país; cuidemos de levantar physica e moralmente o povo brasileiro e cuidemos emfim de sanear o Brasil* (REVISTA DO ENSINO, ANO I, N°2, 1932, p.51).

É um poder médico que atua na administração do governo, da escola, na formação docente, na criança, na família e na cidade. As ações promovidas a partir de pressupostos eugênicos e higienistas procuravam formar o indivíduo perfeito, ou seja, o homem que iria ser o futuro da nação, mas primeiro era preciso formar o sentimento paraibano, utilizando, para isso, o exemplo da vida de homens público, como é o caso do Presidente João Pessoa: “num esforço conjunto, teremos em breve conquistado para a nossa pequenina Parahyba um grau de cultura compativel com sua tradição de heroismo de bravura civica, e honrado o nome de João Pessôa, cuja memoria é o seu maior orgulho” (REVISTA DO ENSINO, ANO I, N°1, 1932, p.4)

⁵ REVISTA DO ENSINO, ANO I, N°2, 1932.

⁶ REVISTA DO ENSINO, ANO I, N°2, 1932.



E a inserção do saber médico nas escolas públicas paraibanas era um dos mecanismos usados para disciplinar os corpos, cumprindo com uma forte educação moral e cívica, além disso, a educação higienista, orientada na *Revista do Ensino*, divulga os conhecimentos benéficos para infância, na tentativa de formar corpos hígidos, limpos, como pode ser lido no trecho abaixo:

Colleque a professora na classe o seguinte cartaz: ‘A escola só recebe alumnos limpos’. Nos primeiros dias faça a professora a revista do asseio, isto é, verifique o asseio da cabeça, dentes, ouvidos, pescoço, mãos, unhas e do vestuário. Nos dias seguintes ordene que a criança faça a revista em si mesma, claro que ás vistas da professora. Si, por exemplo, estiver com as unhas sujas mandal-a, sem nenhum vexame, lavar as mãos e limpar as unhas. (REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº2, 1932, p.80-81)

Estas orientações fazem parte dos Programas de Ensino. O trecho refere-se ao conteúdo da disciplina de *Hygiene*, do primeiro semestre, do 1º Ano. São orientações que guia a prática docente para formação de hábitos sadios, sendo o corpo do indivíduo um espaço privilegiado para formar um homem higienizado, civilizado, moralizado, controlado e normatizado. São discursos endereçados, nos quais os saberes modernos, principalmente a medicina, legitimam e/ou prescrevem como a infância deveria ser cuidada.

Criou-se discursos normativos que propagaram nos diferentes espaços, sobretudo na escola, na família e em novas tecnologias e estratégias de formação do professor (como é o caso da *Revista do Ensino*), os saberes escritos por pessoas autorizadas:

A ignorancia dos pais é supremo entrave para nossa ação. Eduquemos simultaneamente pais e filhos. Propuguemos os ensinamentos modernos de hygiene infantil por todos os meios: por conferencias, pamfletos, cartazes e uzemos até de **violencia nas leis se preciso fôr para salvar a criança**. Não é ser extremista, é ser sincero ante o X equacional de um viceral problema etnologico. **Deixemos o medico invadir as escolas** (REVISTA DO ENSINO, ANO I, Nº 2, grifos nossos, 1932, p. 40)

A escola como palco para a educação higienista e a *Revista do Ensino* constituindo-se como uma agência normalizadora das condutas dos leitores, se unem na cruzada higienista, que codificam os enunciados de leis como ordenamentos e os médicos como autoridades possibilitadas a dizerem como a infância deve ser cuidada e educada, ou seja, possuem o poder normalizador. Deste modo, a *Revista do Ensino* da Paraíba como uma “tecnologia de poder” vai legitimando saberes e fazendo uso, por



exemplo, da Estatística e da Inspetoria Sanitária, as quais se constituem como tecnologias do biopoder e da bioplítica. Temos assim, nas páginas da *Revista do Ensino* um controle exercido sobre o indivíduo em particular, e à população escolar:

A inspeção sanitária dos escolares foi deficiente em virtude de possuir o Serviço, para todos os encargos da Inspetoria um medico e uma enfermeira visitadora. Os alunos e professores das escolas publicas são annualmente examinados, sendo organizado de uns e de outros uma ficha sanitaria completa, neste ano o numero desses exames como se vê um pouco mais abaixo, attingiu a 25 para os professores e 548 para os escolares, tendo sido feitas 548 fichas sanitarias de revista, 102 do anno passado. (REVISTA DO ENSINO, ANO II, N° 4 E 5, 1933, p.49)

Percebe-se no texto *Inspectoria Sanitaria Escolar* um verdadeiro controle do corpo dos professores e alunos, uma educação médica que se vai fazer presente nos diferentes espaços e tempos escolares, isto é, no momento da matrícula, nas aulas de higiene, na fiscalização do estado de saúde dos profissionais da educação e dos alunos, etc. As Fichas Sanitárias são exemplos de uma fiscalização dos corpos que proporcionavam disciplinarizar e normatizar parte da população, inclusive servindo como mecanismo para afastar os professores de suas atividades escolares, bem como, os alunos de frequentarem as aulas:

Foram afastadas das suas funções por iniciativa desta Inspectoria, duas professoras, estando uma dellas atacada de molestia infecto-contagiosa e a outro [*sic.*] de molestia chronica, cujos estados de saúde eram incompativeis com o meio escolar. Foram igualmente afastados, embora temporariamente, 5 alumnos para tratamento de saúde e observação clinica: dos exercicios phisicos da Escola Normal e do Lyceu Parahybano, afastamos todos os alumnos portadores de lesões cardiacas orovalvulares e limitado o tempo de exercicios para o enfraquecidos ou debeis (REVISTA DO ENSINO, ANO II, N° 4 E 5, 1933, p.49).

Diante do exposto, cabe inferir, que através das fichas sanitárias há uma seleção tanto de alunos como de professores, excluindo do sistema escolar os que são considerados doentes e incapazes, tem-se uma medicalização escolar que trouxe para o contexto educacional paraibano a Inspetoria Sanitária para alcançar o objetivo de constituir um povo civilizado, era preciso pertencer ao novo conceito nacional.

E para alcançar a higienização do corpo infantil e medicalização escolar o Estado paraibano buscou diferentes dispositivos, como já apresentado, palestras para os docentes, a Inspetoria Sanitária e a disciplina de higiene e ginástica, prosseguindo com as ações, também, buscou-se os discursos de outros países, como é o caso de testes de



higiene elaborado para o sexto ano primário pela professora Hatryne Vannoy, da Training School, de Drillon Montanna. Os referidos testes *versam sobre os alimentos e sobre a formação de habits de saúde*⁷. São as experiências norte-americanas presentes nas páginas *Revista do Ensino*, que passam a formar um público leitor e um possível aplicação no contexto escolar da Paraíba.

Inferimos que, as ideias higienistas e eugênicas foram veiculadas no impresso educacional paraibano com o objetivo de ensinar, disciplinarizar, normatizar e controlar o corpo e a mente infantil, promovendo um culto ao corpo saudável, um corpo hígido para a civilização, inicialmente da Paraíba e posteriormente da nação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos 11 números analisados percebe-se que a *Revista do Ensino*, no recorte temporal de 1932 a 1934, veiculou saberes e práticas educacionais que interferiram na dinâmica do tempo e espaço escolar, na formação dos professores, bem como, na educação dos alunos e da família. Para isso, eram publicados as palestras sobre doenças que foram proferidas, por exemplo, nos Grupo Escolares, tem-se, também, o trabalho da Inspetoria Sanitária que atuava no controle do corpo escolar paraibano.

A atuação do discurso médico, que é o especializado, o científico, caracterizado como o discurso verdadeiro, é recorrente no periódico paraibano. Este discurso que vai tentar constituir uma sociedade na qual os sujeitos devam ser fortes e saudáveis. Assim, na tentativa de formar corpos hígidos, a higiene era apresentada nas páginas da *Revista do Ensino (1932-1934)* como um dispositivo educacional escolar importante para as relações sociais, ou seja, temos um controle dos movimentos dos corpos infantis, utilizando de mecanismos para coibir as práticas indesejáveis, tendo em vista as novas demandas colocadas pelo crescente processo de urbanização.

Deste modo, a leitura da *Revista do Ensino*, nos proporciona entender a concepção de Estado, de sociedade e de escola durante um tempo em que a ideia de nação estava sendo gestada, e cujos discursos, tiveram visibilidade em dispositivos de formação de professores, como é o caso dos conteúdos disseminados no período de circulação da *Revista do Ensino*.

⁷ REVISTA DO ENSINO, ANO II, N° 6 E 7, 1933.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger (org.) Práticas de leitura. São Paulo: Editora Liberdade, 1996.

ESTADO DA PARAÍBA. **Decreto n. 287, de 18 de maio de 1932.** Revista do Ensino, vol. 1, n. 2, julho de 1932.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso Collège de France (1974-1975).** São Paulo: Martinha Fontes, 2002.

_____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982).** Michel Foucault; Tradução, Andréa Daher; consultoria, Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Microfísica do poder.** Roberto Machado (organizador e tradutor). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

QUEIROGA, Maria do Socorro Nóbrega. **“As exigências da higiene intelectual serão muito necessárias afim de se evitar uma raça degenerada”:** discursos sobre a infância nas páginas D’ O EDUCADOR. Anais de evento: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2015, Maringá-PR

REVISTA DO ENSINO, **Paraíba**, ANO I, N° 1, ABRIL DE 1932.

REVISTA DO ENSINO, **Paraíba**, ANO I, N° 2, DE JULHO DE 1932.

REVISTA DO ENSINO, **Paraíba**, ANO I, N° 3, 1932.

REVISTA DO ENSINO, **Paraíba**, ANO II, NÚMERO 4 e 5, MARÇO DE 1933.

REVISTA DO ENSINO, **Paraíba**, ANO III, N° 8 E 9, MARÇO DE 1934.

REVISTA DO ENSINO, **Paraíba**, ANO III, N° 11, DEZEMBRO DE 1934